

Risco de desabamento assusta os moradores do Largo Dois de Julho

Depressão causada por galerias subterrâneas aumentou após folia

Ana Carolina Araújo

Antonio Saturnino

Os moradores da Rua Augusto França, que liga o Largo Dois de Julho ao Solar do Unhão, estão apreensivos com a possibilidade de desabamentos no local. Uma depressão que já existia na via, aparentemente ocasionada por galerias subterrâneas que passam por ali, piorou durante o período do Carnaval. Com a grande circulação de veículos de carga, o asfalto cedeu cerca de 10cm e até o poste de energia localizado na esquina da Travessa Gabriel está se inclinando.

Por ser formada por construções antigas, a região do Dois de Julho tem seu subterrâneo entrecortado por galerias pluviais. Oficialmente, esses canais serviriam para escoamento de águas pluviais. Largos o suficiente para fazer passar um veículo pequeno, a lenda diz que eram usados por contrabandistas para tirar ouro do Brasil. O fato é que o projeto do bairro não previa o tipo de construção que se tem hoje, como edifícios de vários andares, e o tráfego de veículos pesados.

É fácil encontrar no local muros e casas rachados, e muitos moradores temem que o desabamento ocorrido há cerca de dois anos, onde uma casa inteira caiu dentro de uma galeria, se repita. No número 60 da Augusto França, a situa-



Habitantes da área estão apreensivos por causa das rachaduras já existentes em algumas casas

ção é crítica. O chão do pátio tem várias rachaduras e está completamente desnivelado. A pilastra que sustenta uma varanda na frente da casa não só rachou, como já começou a tombar, levando consigo toda a construção. Os moradores não foram encontrados no local e a funcionária preferiu não dar entrevista.

Vizinha da construção que desmoronou, a psicóloga Telma Nadja Silveira Lélis teve 24 horas para abandonar sua casa, condenada ao mesmo destino por funcionários da Superintendência de Manu-

tenção e Conservação da Cidade (Sumac). Paredes inteiras racharam, inclusive os azulejos e portais saíram do lugar. Sem condições de arcar com a reforma, ela emprestou a casa a um amigo, o sargento da Marinha Gileno Moura, que foi buscar providências junto à prefeitura de Salvador. Ele afirma que foi bem atendido, contando que os funcionários demoraram quase seis meses na obra que firmou o terreno.

Dois anos depois, a situação foi resolvida parcialmente. No local do desabamento, a

galeria está refeita. O problema é nos outros pontos da rua. De acordo com o secretário de manutenção e conservação, Wellington Pereira da Silva, até o final da tarde de ontem a equipe da Sumac que estava no local deveria ter uma posição a respeito da gravidade do caso. "Precisamos saber se o problema é nas galerias seculares ou em alguma construída mais recentemente", explicou, prometendo que, a depender da resposta dos técnicos, o trabalho de recuperação pode começar ainda hoje.

Caderno da Bahia
data: 04/03/2006
caderno: Aqui Salvador, pg. 02